

COMMERCIO DO MINHO

3.º ANNO 1875

FOLHA COMMERCIAL RELIGIOSA E NOTICIOSA

NUMERO 371

Assigna-se e vende-se no escriptorio do EDITOR E PROPRIETARIO José Maria Dias da Costa, rua Nova n.º 3 E, para onde deve ser dirigida toda a correspondencia franca de porte.—As assignaturas são pagas adiantadas; assim como as correspondencias de interesse particular. Folha avulso 10 rs.

PUBLICA-SE
AS TERÇAS, QUINTAS E SABBADOS.

Preços: Braga, anno 1,600 rs.—Semestre 850 rs.—Provincias, anno 2,400 rs. e sendo duas 4,500 rs.—Semestre 1,250 rs.—Brazill, anno 4,500 rs.—Semestre 2,300 rs. moeda forte, ou 19,500 reis e 5,500 reis moeda fraca.—Annuncios por linha 20 rs., repetição 10 rs. Para os assignantes 20 % d'abatimento.

BRAGA—SABBADO 17 DE JULHO

Digitus Dei.

A impenitencia d'essa sociedade a quem a maçonaria tem pervertido com o torpe materialismo e indifferença religiosa, deve ter attingido um subito grão para desconhecer o dedo de Deus, já não d'emos só revelado em todas as manifestações da immensidade Divina no que respeita ás maravilhas da criação—mas na fulminação dos erros e peccados dos mais acerrimos perseguidores da verdade e da justiça Divina representada pela Igreja Catholica Apostolica Romana.

Os Bonapartes, os Cavour e os Bismarks de todas as épocas tem, segundo o trilho caprichoso mas efemero das glorias mundanas, esbarrado na area santa da Igreja Catholica quando, ufanos do dominio de tudo e de todos, pretendem subjugar-a e impor-lhe a lei. Ora, a verdade, a justiça e o direito, irradiações divinas que formam o complexo da Santa Esposa de Deus vivo, não são baluartes facéis de conquista pelos Krupps e sabres de quantos enviados de Belzebut ahí expandam arrojadas iras. E assim, vemos a numerosa e infrene barbarie mahometana, outra inimiga ligada do catholicismo, haquear ante meia ouzua de braços a quem só o poder divino podia impeller a levar de vencida as cohortes infieis.

Vemos o Cezar da Corsega, a quem a estrella das victorias parecia guiar á conquista do mundo, cabir ante a aparentemente praça defesa do direito e da justiça que os principios de 89 haviam postergado, e a queda foi tanto mais tremenda, quanto taes principios, oppostos á verdade catholica, haviam elevado e por fim desterrado de Santa Helena.

Vemos Cavour, o implacavel inimigo da Santa Sé e da legitimidade italiana, succumbir a uma enfermidade terrivel, apenas ao incetar a obra nefasta e expoliadora de seus sonhos satanicos e a que designava unidade italiana.

E o pequeno Napoleão, na frase de um revolucionario moderno, vem-o descer do solio imperial a que a revolução o havia erguido, correr uma serie rapida de desastres de que foi epilogo a de Sedan, a prisão e a morte no exilio, e isto quando retira o auxilio que, mais por conveniencia propria do que por dedicada adhesão, prestava ao Chefe Visivel da Igreja contra as cohortes Garibaldo-maçonicofarisaicas.

Vemos enfim o principe de ferro, o Barba-roxa da Germania, tropeçar a cada passo na carreira nefanda que incetou de perseguição contra o catholicismo, e não estará longe o momento de contemplarmos a queda estrondosa do famigerado perseguidor.

O dedo de Deus, pois, que incessante se tem demonstrado, mais uma vez se revelará á cegueira dos vespertinos de toda a parte, e ainda assim se não desenganarão todos, porque é de lei que a Igreja seja mais ou menos perseguida sempre, e n'isso está o que ella tem de santo e justo, porque o inferno em seu exaspero e inveja não dá treguas á lucta a despeito das derrotas.

Não cançam, mas que importa? Está escripto e fóra dito pelo Seu Divino Instituidor: *Porte inferi non pravalebunt adversus eiam.*

J. A. Machado Junior.

Culto do bezerro de ouro, a nova religião liberanga.

Lê-se na correspondencia de Londres para o «Apostolo», valente campeão catholico do Rio de Janeiro:

Quem acreditar que Moysés, ao baixar do Sinai, e achar a judiaria prostrada adorando o bezerro de ouro, destruiu este para restabelecer o culto de Jehovah, do verdadeiro Deus e Senhor do ceo e da terra, está muito enganado.

Não, senhores; ahí claudicou a Sagrada Escripura; o bezerro de ouro não pereceu; existe são, escoreito e vigoroso, aqui em Inglaterra; aqui tem os seus templos, o seu culto; aqui é adorado, invocado, venerado, lisongeadado, salamealeado por todo o mundo. Aqui tem o seu *Summo Pontífice Infallivel*, que é o grande «Times», e é servido, além d'isso, por varios outros sacerdotes subalternos, com diferentes nomes, «Daily Telegraph», «Daily News», «Standart», «Glob», etc.

E' admiravel a disciplina, a docilidade com que todos os sacerdotes e missionarios, e agentes d'aqui enviados por esse mundo a colligir noticias e informações como cá se desejam, as alleioam logo exactamente á vontade e gosto dos patriarchas londrinos; lhes põem logo os nomes que estes dictam, e em tudo e por tudo seguem á risca as inspirações dos sacerdotes do bezerro, aqui enthronizado e dominante.

Por ordem dos pontífices (ou *palifes*, se quiserem) d'aqui, e que dão o *santo* aos lá de fóra, já não ha *catholicos*, salvo os chamados *velhos* da Suissa e da Alemanha; os outros foram chrismadados, pelo «Times» e companhia, *jesuítas*, *ultramontanos*, *clericales*. Lembra-me com isto uma caricatura que vi, annos ha, já não sei onde, e que corresponde muito bem a este perfido charlatanismo liberanga:

Sabia um farmaceutico da sua botica, tendo deixado ao praticante uma receita que aviar, e dando-lhe para isso as suas instrucções. Não tinha mencionado porém, ao rapaz, em quanto liquido devia deluir as drogas, e por isso correu o discipulo atraz do mestre, a perguntar-lhe quanta *agua* havia de juntar á receita? A isto respondeu o ultimo em tom autoritativo e scientifico: «Nós nunca empregamos *agua*, é sempre *agua distillada*».

A' imitação d'este boticario, o «Times» e a liberanga nunca usam os nomes *catholico*, *catholicismo*, mas sim os favoritos *ultramontano*, *clerical*, *ultramontanismo*, *clericalismo*, etc., que são os mais bonitos.

Mas o que não é menos vergonhoso e servil, é a brevidade com que logo lá por fóra toda a liberanga exhibe o mais desprezível plagiato, adoptando immediatamente a giria protestante. Assim vemos logo generalizadas, e ridiculamente imitadas essas alouphas, na França, na Alemanha, na Suissa, na Italia, em Portugal, na Hispanha, no Brasil, em Buenos Ayres, no Mexico, etc., por toda a parte, enfim, onde o liberanguismo tem ao mesmo tempo estragado a moral, pervertido as ideias e conspurcado as linguas.

Este servilismo é tão tolo, que até vae estragando mais e mais os idiomas pela asnatia affectação de mostrar que se conhece ou sabe alguma coisa de Inglaterra; e o que mais admira é, que até homens de capacidade, e de quem se devia esperar mais senso e melhor gosto, caíam n'estas miserias; por exemplo:— Não sei se na «Gazeta de Portugal», que habilmente redigiu por alguns annos em Lisboa ou se foi depois no seu «Jornal da Noite», Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos, ao dar conta de recepções e assembleias *aristocraticas* (se o nome póde convir á farraparia que a revolução em Portugal tem levantado da lama), epigrafava esse artigo com as palavras inglezas *Hig Life*; e assim conseguiu lá in-

roduzir a asneira, que continúa a ser praticada.

Ora, quem não souber inglez ha de pronunciar *ig life*, em vez de *hai laife*, que seria a pronunção ingleza verdadeira.

E suppondo que um futuro lexicografo portuguez encontrando a tolice assim admittida queria comtudo poupar a seus compatriotas o ridiculo de semelhante barbarismo ao menos na pronunção, é notorio, que a tal fatua importação se devia pronunciar *hai laife*; ahí tinhamos uma escusada nota de excepção (como se já não as houvesse de sobejo!) devida ao pedantismo indesculpavel dos introductores de semelhante babuzeira.

Esta e outras assim, de que eu poderia notar uma duzia, vem do culto do Bezerro, da idolatria consagrada ao ouro, e como esta é uma das substancias que em menos espaço mais materia contém, por sua densidade, tambem semelhantes affectações são mais *materiaes* que as antes usuas vindas do Francez, em que se encontrava mais *esprit*, de ordinario, que n'estes inglezismos toleirões.

E já que estou com as mãos na massa, commemorarei a outra miseria do uso tambem desnecessario, e affectada introdução da palavra *meeting*, agora tanto de moda em Portugal (e provavelmente no Brasil tambem) e que como o *hig life* expõe ao ridiculo de ser pronunciada por modo que em inglez nada significa, ou a necessidade de mais uma nota no dicionario para evitar esse ridiculo, de dizer *méting*, em vez de *miting*.

Uma das cousas que menos perdão cá no meu fraco juizo, ao liberanguismo, é a baixa de estar sempre a olhar para fóra do paiz, almejando por macaquear todo o estrangeiro e manifestar assim o seu pouco patriotismo. E o peor é que escolhe para suas imitações o insignificante, o ridiculo, não o que é nobre e digno; este rejeita-o, bem que fosse até nacional e característico em melhores tempos, em tempos portuguezes. Bastará só citar, por exemplo, o salario com que os taes «paes da patria» desprezivelmente se dotaram. N'isso não quizeram imitar a Inglaterra. N'esta paga-se, gasta-se muito para se ser deputado, e não se alugam legisladores para virem impôr leis a quem lhes paga, e representar de *Solons* ou de *Lycurgos* a tanto por dia.

Tudo isso não é mais que a idolatria do bezerro de ouro, que faz ajoelhar todos os liberangas ante tudo quanto cheira a interesse material, nem já sabem elevar suas aspirações á nobre esfera do espirital e do infinito, fechando assim a porta a demonstrações e actos de verdadeiro heroismo, e de verdadeira nobreza.

REVISTA ESTRANGEIRA

Hispanha.

Noticias da guerra

Sobre a acção de Treviño, lê-se n'uma correspondencia de Madrid:

«Depois dos terriveis combates dados por Loma na linha de Valmaseda que, como em tempo disse, foram no geral desgraçados e custosos para as armas liberaes, aquelle general abandonou immediatamente os valles cuja passagem tomava e aproveitando o caminho de ferro veio a Miranda unir-se com Quesada, general em chefe do exercito do Norte, tendo encarregado o general Villegas de resistir aos carlistas sem aventurar nada, até que elle operasse segundo julgasse conveniente.»

A duas causas respondia este movimento: uma era ter sido Quesada repel-

lido em Nanclares quando se dirigia a levantar o bloqueio de Victoria e ser necessario acudir em seu auxilio para livrar a capital de Alava, a que se attribue certa importancia strategica; outra era que, atacando a extensa linha dos carlistas em rola da citada capital, se impedia que por Valmaseda e os valles continuassem seu movimento de avançada sobre as provincias castelhanas, pois se viam obrigaeos a acudir por seu turno em auxilio de suas ameaçadas linhas.

A operação, executada com rapidez, surpreendeu a principio os carlistas que apenas dispunham de dez batalhões deante de Victoria, pois cobrem ao mesmo tempo a parte de Valmaseda, sua linha de Estella, suas posições sobre S. Sebastião e as que guardam em direcção a Orduña do outro lado do que atacaram: porém Mendiry, comprehendendo o movimento, logo que teve noticia de que Loma, formando um semi-circulo com o corpo do exercito que em pessoa dirigia Quesada, tinha chegado a Salinas de Añana e emprehendia a sua marcha em direcção a Victoria, concentrou as forças de que dispunha, preparando-se para resistir ao ataque das quadruplicadas do inimigo.

Pelo condado de Treviño (Rioja alavesa) até cujas alturas chegavam as linhas carlistas, adeantou o general em chefe das tropas affonsinas uma brigada ás ordens do general Tello que occupou a Concha de Tuyo e iniciou a sua avançada. Para detello e realizarem bem o seu movimento de concentraçáo, conhecidas já as intenções do inimigo, lançaram os carlistas contra elle cinco batalhões obrigando-o a retroceder; mas auxiliado este por outra brigada e pelo movimento de Loma que com oito batalhões se dirigia sobre el Portillo, enquanto o general Pino marchava com outros quatro e dous regimentos de cavallaria pela planicie, retiraram-se concentrando-se em uma linha regularmente defensavel deante de Victoria e repellido ao mesmo tempo as forças que alli conservam uma sortida que em auxilio de seus companheiros fez a guarnição d'esta capital. No seu movimento de retrocesso que elogiavam peio bem dirigido alguns militares chegados esta manhã do theatro da guerra e que presenciaram o combate, fizeram-se aos carlistas uns quarenta prisioneiros, contando-se que soffreram muito os batalhões 4.º de Alava, 6.º de Navarra e 5.º de Castella.

Refere o governo no telegramma que publicou que, sem precisal-as, podem avaliar-se as suas perdas em 200 homens, coisa inverosimil depois de tão rude e prolongado pelear; porém essas testemunhas presenceras a que me referi e cuja veracidade garanto avaliam as baixas do exercito em mais de 1:500 homens, contando-se entre elles uns 100 que ficaram prisioneiros ao accometterem os carlistas na Concha de Tuyo, calculando as d'estes em 500 homens pouco mais ou menos.

Erão seis da tarde de ante-hontem e durava ha dez horas o combate quando, flanqueadas por forças tão superiores como deixo dito as posições del Portillo que os carlistas abandonaram tranquillamente, fizeram alto os affonsinos os quaes o cansasso e o avançado da hora impediam proseguir o movimento; porém ao terminar esta carta, 5 horas da tarde, preoccupa a todos que o governo affirme não ter noticia de que Quesada percorreu os cinco kilometros que lhe restam para entrar em Victoria, porque se receia que os carlistas tenham tido tempo de se reforçar com os batalhões acantonados em Orduña sob a direcção de Mogrovejo e o exercito haja soffrido alguma grave derrota.»

—Tolosa 6.—O general Pernla, chefe de estado-maior general do nosso exercito do

Norte, leu no dia 3 em Guernica, a seguinte ordem do dia:

«Voluntarios!—Todos me conheceis. Aceitando hoje a missão difficil com que Sua Magestade acaba de honrar-me eu não desconhecerei a immensa responsabilidade que pesa sobre mim; mas, com a protecção de Deus e o vosso animo, nós venceremos os nossos inimigos ou morreremos como valentes.»

«O general, chefe d'estado-maior—José Perula.»

—Hendaya 8.—O general Perantl, subindo ao forte de Rumelza com 3 batalhões, 4 esquadrão, 2 peças Placencia, achou as alturas em poder do inimigo. Os nossos batalhões o desalojaram com uma grande bravura e o dispersaram em toda a altura até ao castello de Puebla.

—Hendaya 10.—A resistencia de Cantavieja, cidade de 1.374 almas, cujas muralhas não tinham sido restauradas senão contra um golpe de mão, foi admiravel.

—Durante 10 dias seiscentos homens com tres pequenas peças, defenderam-se contra os dois corpos de exercito de Jovellar e Martinez Campos, e o seu formidavel material de guerra.

Cantavieja não era a nossa Estella do Centro; não tem um unico exterior.—Estella tem sete.

Emquanto ao nosso arsenal do Centro, o Collado de Alpuente, estes dois corpos de exercito, já separados, não pensaram em o atacar.

Jovellar está perseguindo Dorregaray que, na provincia de Huesca, póte combinar os seus movimentos com os do Rei, na Navarra, ou com os de Saballs na Catalunha, e mesmo voltar sobre o Centro.

Martinez Campos, entra a marchas forçadas na Catalunha, que está á mercê dos nossos batalhões, e onde atacamos Vich, Gerona, etc...

Nem Jovellar, nem Martinez Campos poderam fazer ceder Dorregaray.—O seu exercito que muda momentaneamente o theatro das suas operações, está inteiramente intacto.

—Tolosa 9 —Perula, o novo chefe de estado maior do nosso exercito do Norte, atacou antes de hontem os nossos inimigos com uma tal furia, sobre a linha do Arga, que se retiraram em desordem, uns para Publa, outros para o Castello de Miranda.

A nossa offensiva na Navarra, Castella e Catalunha, á roda de Bilbao e San Sebastião, atemorisa a tal ponto os nossos inimigos, que já decretaram a reorganisação da guarda nacional, elemento mais radical do que conservador.

—Seo de Urgel 9.—Junquera, ultimamente fortificada pelos affonsistas, foi atacada no dia 6, com o fim de attrahir a columna de Arando. Teve lugar uma batalha entre aquella e Saballs, perto da torrente da Ricordell. —Depois de sete horas de lucta, os affonsistas bateram em retirada.

As suas perdas são grandes: 40 mortos e 150 feridos, dos quaes a maior parte foi transportada para a sala do Casino.

LITTERATURA

ROSINHA, A LAVADEIRA

(A C...)

(Continuação do n.º 268)

—Então! não tens vergonha de chorar deante de mim? Não sabes que não estou afeito a crer em prantos?

E eu estava tão acostumado a acreditar-te, quando cinseras, que com certeza choraria, se ainda tivesse lagrimas para chorar.

E fomos seguindo até ao ribeiro.

O individuo a quem as boas das raparigas, na sua beatifica simplicidade, chamavam «engenheiro», era um pobre diabo d'um vigia de trabalhadores, que nas horas de lazer botava figura, macaqueando com as bandeirinhas, de que apenas sabe o nome.

Adiante.

Comecei a interessar-me pela vida de Rosinha, porque sempre sympathisei com os que soffrem.

Eu já sabia o sufficiente.

O Antonito da Eira, de quem o leitor ouviu fallar ha pouco, era um moço guapo, visinho da nossa heroína, e que desde a infancia lhe tinha sido afeiçoado.

Aos dose annos amaram-se.

Nada mais natural.

Não era esse «mentiroso incenso» de que falla o mavioso Soares de Passos; mas o amor germinado nos folgedos da infancia, alimentado nas vicissitudes da razão que desabrocha, e accentuado na sazão dos affectos vehementes. Não eram as palavras futeis, bebidas em novellas, dia e noite manuseadas, as posições affectadamente romanticas, os sorrisos ensaiados no ludoir; não eram os cliares estudamente enlanguescidos que por vezes nos ensandecem no microcosmo illusorio dos bailes, ou nos assestiam das janellas.

Era, sim, essa dedicação praeter-sublime, esse affecto immenso, sentido, e não comprehendido, por duas almas que se conhecem irmãs, e suspeitam a necessidade de se completarem mutuamente.

Antonito da Eira so aspirava a que as palavras do sacerdote santificassem solemnemente as suas relações com Rosinha, justamente chamada a «flor» d'aquella aldeia.

Os meios pecuniarios do moço eram todavia bastante escassos, e o seu mister de vida não lhe daria azas para voar mais alto, porque nunca se dedicára senão a trabalhos de lavoura.

Sabia d'instrucção primaria o que se aprende n'essas—por uma ironia atroz—chamadas escolas d'osino, em as nossas povoações ruraes. Resolveu, pois, deixar a sua terra para ir procurar fortuna, afim de felicitar a eleita do seu coração.

A data dos acontecimentos que vimos narrando, havia ja quatro annos que o apaixonado moço tinha embarcado para o Brasil, onde, segundo se deprehendia das cartas que periodicamente enviava a Rosinha, a fortuna lhe travára do braço, e o condusira pressurosa a terra da Promissão. A ultima carta d'elle, que eu li, era escripta das fragosidades do Oreb.

Basta. Esperei, e acompanhei a formosa lavadeira até á sua habitação.

—Conta-me essa historia—lhe disse.

—Não me falle n'isso, que me afflige—respondeu.

—Conta-me tudo. Sabes que tenho motivos para que me não seja indifferente a tua felicidade.

—Ora diga-me uma coisa. O sr., como lê as gazetas, sabe se é verdade que o Antonito morreu? A tia Isabel do Adro disse-me que o tinha ouvido ao sr. padre prior. Se soubesse como tenho soffrido...

LINO DE MENDONÇA.

(Continúa)

Do «Monitor Portuguez», do Rio de Janeiro, transcrevemos o seguinte:

«Uma vida publica de mais de 35 annos e uma sympathia entusiastica de bons e muito conhecidos capitalistas portuguezes de varios circulos d'esta provincia; uma capacidade comprovada pelos productos de sua intelligencia; uma formatura n'uma das mais nobres faculdades; uma infeniidade de diplomas e a mercê d'El-Rei o Sr. D. Pedro V, sempre escripturario na distribuição da munificencia regia; um nome, enfim, altamente nobre e honrado, cuja reputação podemos dizer, sem o menor reboço, que é uma reputação immaculada, tudo isto são garantias bastantes para que hoje nos lembremos de vir do alto d'esta tribuna da imprensa lembrar esse nome ao nobre e muito honrado consul de Portugal, o sr. Almeida Campos. S. exc.^a deve ser escripturariosissimo na escolha de seus subordinados.

S. exc.^a tem necessidade de escolher um vice-consul, e s. exc.^a não poderá encontrar ninguém tão digno nem tão capaz para este logar como o sr. dr. José Antonio Nogueira de Barros.

O sr. dr. Nogueira de Barros é um cidadão portuguez d'um caracter honestissimo, d'uma probidade inconcussa e d'uma honradez admiravel.

O sr. dr. Nogueira de Barros exerceu por mais de 7 annos o logar de vice-consul em Angra dos Reis. Seus altos serviços prestados a portuguezes n'esta corte durante a crise da febre amarella, conquistaram-lhe a honrosa graça de S. Magestade o Sr. D. Pedro V, que o fez seu guarda-roupa. Nenhuma instituição portuguesa de caridade, nenhuma sociedade portuguesa de qualquer côr, nenhuma associação emfim, que seja portuguesa, deixa de contar no livro de seus associados, e a maior parte no dos benemeritos, o nome do sr. dr. José Antonio Nogueira de Barros.

Ao ministerio de Portugal de 1855 e 60 dois mil e tantos capitalistas portuguezes assignaram uma representação, para

que o dr. Nogueira de Barros fosse nomeado consul n'esta côrte. E ainda hontem, nós somos testemunhas oculares, o nosso muito nobre e muito honrado compatriota Vieira de Castro, deputado portuguez, recebeu aqui um centenar de felicitações, que lhe choviam todos os dias de varios pontos d'esta provincia, assignadas todas pelos mais honrados capitalistas das localidades, e ao passo que felicitavam o nobre deputado pela sua visita a seus concidadãos n'este imperio, lhe pediam para que lembrasse ao seu governo, de quem era amigo, que era vontade firme de todos, que o consul n'esta côrte fosse o honrado portuguez dr. José Antonio Nogueira de Barros.

O «Monitor Portuguez» aponta este cavalheiro para o logar de vice-consul ao nobre consul portuguez. O «Monitor Portuguez» foi, é e será sempre brioso nos seus actos, nas suas doutrinas, e prudente nos seus conselhos. E' nosso desejo que tão préstimos concidadão seja aproveitado, e este é tambem o desejo, se não de todos, de grande numero dos portuguezes.

CORRESPONDENCIA

Caldas do Gerez 15 de julho

A prodigiosa concorrência de familias que vieram este anno experimentar os maravilhosos effectos das aguas medicinaes do Gerez, reanimou sobremaneira os negociantes e proprietarios d'esta formosa povoação, os quaes estavam muito preocupados pelo abatimento em que, desde ha muito, viam estas caldas, que, atrofiadas pelo má estado da viação publica, davam manifestos indicios d'um futuro verdadeiramente lugubre.

E com effecto o desenvolvimento da viação publica é o mais poderoso auxiliar do movimento commercial, e porventura um excellento meio de facilitar e desenvolver a concorrência dos banhistas, que já este anno foi aqui muito subida, e superior á do anno passado, em consequencia da construcção da estrada de Chaves, que se acha concluida de Braga até á Cruz de Real (a 16 kilometros do Gerez).

O rompimento d'esta estrada veio com effecto facilitar o trajecto entre a dita cidade e a povoação das Caldas do Gerez; e por consequente deu novo e mui decidido alento á concorrência dos banhistas; e tanto se confia na utilidade d'esta via de comunicação que, negociantes, proprietarios, empregados e banhistas, todos presentem a approximação d'um novo periodo de prosperidade.

Podavia se atendermos ao pessimo estado d'algumas pontes e caminhos publicos das immediações da serra, forçoso é confessar que o seu desenvolvimento não será tão progressivo e aturado como geralmente se pensa: pois ninguém desconhece que a maior parte dos banhistas são enfermos, e que em rasão de seus padecimentos não podem emprender uma viagem por caminhos em que não pôdem transitar diligencias: d'onde naturalmente se segue que a maior parte das pessoas a quem os medicos aconselham o uso interno das agoas do Gerez, para evitarem os incommodos que resultam da viagem, costumam tomar-as frias nas suas proprias moradas, como quem desconhece que as mesmas agoas, quando frias, perdem algumas de suas propriedades therapeuticas.

Taes são os graves inconvenientes que resultam do má estado da viação publica, os quaes se poderiam remover facilmente, se, como se espera, se construisse uma estrada entre as caldas e as Cruz de Real.

Removidas por este meio as principaes difficuldades que achamos no trajecto, e progredindo interiormente, como é de suppor, o desenvolvimento material d'esta povoação, as caldas do Gerez seriam brevemente um dos estabelecimentos mais florescentes.

Finalmente que o desenvolvimento da viação publica é o meio que mais póde facilitar o desenvolvimento da prosperidade d'estas caldas, manifesta-o a decadencia em que vemos este estabelecimento desde que outros do mesmo genero, auxiliados por boas vias de comunicação progredem regularmente; prova-o a impossibilidade que a maior parte dos banhistas tem achado de effectuar uma viagem ao Gerez com todas as commodidades necessarias; e confirma-o plenamente a prodigiosa concorrência de banhistas que, auxiliados pela estrada de Chaves, vieram este anno ao Gerez.

A. J. d'Araujo Martins.

A questão do deputado por este circulo.—Parece que a má impressão causada no publico pela noticia de que o sr. Lopo Vaz, de Gouvinhas, era o candidato proposto pelo governo, tem feito hesitar os amigos do ministerio na apresentação d'aquelle nome desconhecido, e ignora-se ainda quem será o individuo escolhido pelos mesmos.

Nós reiteramos os votos que fizemos para que Braga seja condignamente representada por um dos seus filhos, conhecedor das suas necessidades, e capaz de promover o seu engrandecimento e pugnar pelos seus interesses.

Applaudimos o pensamento da renoução que amanhã deve ter lugar, e desejamos, que, na escolha a que se vai proceder, não haja espirito de parcialidade, lembrando aos eleitores que a união faz a força.

Doença.—Tem estado gravemente enferma a esposa do honrado negociante d'esta cidade, o sr. Antonio Joaquim Loureiro.

Ultimamente tem experimentado algumas melhoras, o que do coração estimamos.

Programma.—O programma da festividade de N. Senhora do Carmo é o seguinte:

Pelas 5 horas e meia da tarde de hoje cantar-se-hão, a musica vocal e instrumental, vespers solemnes.

A'manhã ás 10 horas e meia da manhã, celebrar-se-ha missa tambem solemne, com exposição do SS. e sermão, e de tarde, pelas 4 horas, será dada a benção papal e far-se-ha a encerração do SS. depois de cantado o Te-Deum.

A's 5 horas sahirá a procissão. Romperá o prestito o estandarte da irmandade, seguido de um grupo de tres anjos, condusindo o do centro as insignias da ordem carmelita.

Irão, após estes, outros anjos sós e em grupos, com emblemas allusivos á Virgem do Carmo, extremando-se um, figurativo da estrella matutina e outro representando a caridade de Maria. No meio dos anjos e grupos irão dois côros, um de virgens, outro de carmelitas, cantando alternadamente ao som de instrumentos.

Irá em seguida o andor, circumdado de brilhantes molduras de prata, cujo saia é bordado a ouro fino, tendo no centro, em escudo branco, as armas dos carmelitas. Bellamente esculpturada no tempo dos religiosos por um habil artista de Braga, levanta-se sobre nuvens a Imagem da Virgem, circumdada de anjos e tendo aos pés a Imagem de S. Simão Stock recebendo o escapulario.

Seguirá a cruz patriarchal, e no meio das alas do clero, varios anjos com emblemas allusivos á Eucharistia. Em seguida irá o pallio, debaixo do qual será conduzido o Santissimo Sacramento, fechoado todo o cortejo a banda do regimento, acompanhada de uma guarda de honra.

A respeito do drama «Os Lazaristas.»—O trabalho do distincto escriptor catholico, padre Senna Freitas, a respeito dos Lazaristas, do sr. Ennes, estará impreterivelmente á venda no principio da proxima semana.

As Noticias do dia.—Com este titulo vae publicar-se em Lisboa uma folha politica, instructiva e noticiosa, de que é redactor politico o sr. dr. Cunha Belem.

Publicações.—Recebemos e agradecemos um volume das *Aventuras de tres russos e tres ingleses*, de Julio Verne, magica edição da *Empresa Horas romanticas*.

Este volume é traducção do sr. Mariano de Carvalho, lente de mathematica na escola polytechnica, e jornalista muito considerado.

Cura de um doente pela benção de Pio IX.—M. Alexandre Ranque, negociante de Marselha, tinha perdido dous de seus filhos, victimas do tifo, na idade de 20 annos. Estava a ponto de perder o terceiro da mesma enfermidade; toda a esperança tinha desaparecido, a sciencia tinha dito a sua ultima palavra. A' vista d'isto, o medico que tratava do doente, e que era tão piedoso como habil na sua arte, disse a M. Ranque: «Aconselho-vos a pedir a Pio IX a sua benção para vosso filho.» Este senhor fez partir immediatamente um telegrama para Roma, e, quando a resposta chegou, o doente sentio uma sensivel melhora: poucos dias depois estava livre de todo o perigo.

(«Apostolo»)

Um sermão em Villa do Conde.—Da «Palavra»—Publicamos n'outro logar

uma notavel correspondencia, dirigida á «Nação» e ao «Commercio do Minho» pelo ex.^{mo} sr. dr. Custodio Velloso, habil advogado em Villa do Conde, profundo catholico, joven intelligentissimo e escriptor catholico já conhecido em todo o paiz.

N'este escripto faz o nosso amigo duras, mas justissimas censuras a um sermão que acaba de pregar n'aquella villa o revd.^o Francisco José Patricio. O testemunho do sr. Custodio Velloso está em completa harmonia com informações, muito fidedignas, que da mesma villa recebemos.

Afirmam-nos que o sr. Patricio conspurcou de tal modo a tribuna sagrada, que deixou o auditorio, composto pela maior de pessoas religiosas e sensatas, como são na sua quasi totalidade os habitantes da Villa do Conde, profundamente contristado e indignado. Não fazia senão berrar contra os que chamava clericos e obsecrados reaccionarios; não fallava senão em liberdades de pensamento, de reunião, de imprensa e outras liberdades que elle sabe, condemnadas no Syllabus do modo que por ali se apregoam e defendem. Em fim o seu discurso foi uma vergonha, uma miseria, uma lastima! Parecia que não fallava n'aquelle pulpito um padre catholico, um ministro de Jesus Christo, mas sim um demagogo enraivecido, um revolucionario furioso!

Haja, pela nos-a parte, não proseguiremos em reflexões sobre o sermão do sr. Patricio; mas vem a proposito chamar para este facto tristissimo a attenção de nossos leitores, e indicar-lhes o meio de evitar, quanto em nós caiba, a repetição de outros similhantes.

Os venerandos prelados do Porto, a cuja diocese pertence o sr. Patricio, e de Braga, em cuja archidiocese prégou, obrarão n'este particular como lhes ditar seu prudente juizo, recta consciencia e apostolico zelo. Mas nós, os catholicos, devemos fazer da nossa parte por alfastar da tribuna sagrada oradores como o sr. Patricio.

Que effeito póde produzir a divina palavra prégada por sacerdotes que dão taes provas de que só mercadejam com ella, de que não trepidam ante qualquer indignidade só para agradar a quem os chama, e de que em fim no desempenho do sagrado ministerio do pulpito se atrevem a fazer como verdadeiros Protheus, todas as caras, quando lhes convenha, e isto com grande menoscabo de seu caracter e dignidade sacerdotal, com grande escandalo dos fieis, quando estes os conhecem, e com grande detrimento da religião.

Já ouvimos ao sr. Patricio um sermão muito orthodoxo, em que elle alludindo a uma funcção pia feita no seculo passado n'esta cidade por um padre, defendeu o clero contra os aleives e calumnias que por ali lhe assacam os que o dizem hostil ao progresso e á liberdade. O sr. Patricio mostrou que o clero não era adversario do verdadeiro progresso e da verdadeira liberdade, e desenvolveu muito bem este ponto e outro analogos.

O hoje protestante Henrique Ribeiro, tambem defendeu, pouco antes d'apostatar, o celibato do clero n'um sermão prégado na capella de Nossa Senhora da Lapa, n'uma allusão que fez a este respeito... E ainda haverá quem diga que nos não sobra razão para clamar contra estas cousas? Havemos de clamar, dê por onde der: estamos resolvidos a tudo.

Preguem, pois, estes padres, se os prelados os deixam pregar (os prelados muitas vezes não tem na sua mão remediar todos estes males, mesmo porque não são sobre elles competentemente informados); mas não préguem nas festas que se fazem com verdadeiro espirito religioso. Opponham-se a isso os catholicos por todos os meios ao seu alcance. D'esse modo lucrarão muito os interesses catholicos.

Façamos guerra legal, mas declarada e bem combinada a estas vibras da religião, vibras que mordem no ventre da mãe que as cria e alimenta. Desenganem-se, não ha outro meio. E' essa nossa obrigação e a isso deve mover-nos o proprio instincto. Elles sabem unir-se contra nós, unamo-nos nós contra elles.

Não aconselhamos que se odeiem os homens; isso fóra um crime: não, muito ao contrario: o que aconselhamos é o combate sem treguas a seus erros, para o nosso bem e tambem para o d'elles. Diligite homines, interficite errores. E' por isso que levados só e unicamente de nosso zelo pela causa da Religião a que estamos devctados, nos vemos ás vezes forçados, com grandissimo pesar nosso, a

fallar em desabono de ministros da mesma augusta Religião.

A fome no Algarve.—Já a temos real entre nós: assim nol-o confirmam alguns facultativos que tem visitado doentes que soffrem tão sómente de falta de alimentação.

Por ora está ella occulta e vive com a pobreza envergonhada aconchegando-se á miseria que não quer mostrar-se.

Desgraçados a quem esperam tormentos mais horribes!

Socorro para elles! (Do «Correio do Meio Dia».)

Portuguezes fallecidos.—Falleceram no Rio de Janeiro desde 15 a 21 de junho os seguintes:

Em 15—Angelia Emilia Machado, 23 a. s.; Fulgencio Francisco Leitão, 25 a. s.; Manoel da Silva, 42 a. s.

Em 16—José Pereira da Silva, 61 a. c.

Em 17—Manoel Peres Moraes, 14 a.

Em 18—Miguel Augusto Rebello de Macedo, 33 a. c.; Joaquim Gonçalves Anjo d'Oliveira Alto, 60 a. c.; Hermenegildo Izola 52 a. s.; Anna Ignacia dos Santos Azevedo de Medeiros 76 a. v.; Firmin Pereira Arouca, 26 a. s.; José Pinto, 56 a. s.; José d'Oliveira e Silva 18 a. s.; Anna Adelaide Belmira, 33 a. s.

Em 19—Francisco Pereira d'Oliveira, 23 a. s.; João Luiz de Sampaio, c.; Margarida Emilia do Amaral, 40 a. s.; José Joaquim d'Araujo Rebello 25 a. s.; Bernardino Antonio 21 a. s.

Em 20—José Pereira, 24 a. c.; Claudino Joaquim Alves, 21 a. s.; Marianna do Coração de Jesus, 40 a. c.; João Mamede Zeferino 76 a. c.; Jacintho Ferreira Sobral 67 a. s.

Em 21—João Luiz Navarro, 40 a. s.; Delfina Thomasia da Silva, 56 a. c.; Jacintho Amalia Botelho, 56 a. c.; Maria da Gloria, 22 a. s.; Antonio Luiz de Paiva, 21 a. s.

Um Patagonia.—Lê-se no «Direito», do Porto:

Haverá perto de um mez que n'esta cidade se apresentou um individuo que se dizia hispanhol intitulado-se conde de las Flores, ou cousa que o valha, e dizendose carlista; não nos appareceu nem temos saudade d'elle, mas teve a habilidade de illudir dois ecclesiasticos que o recommendaram a algumas pessoas que felizmente não enganou. Este cavalheiro de industria trazia, segundo dizem, uma porção de bonds do emprestimo carlista, mas falsos, e tambem documentos falsos com os quaes se abonava. Dizia-se hispanhol mas é italiano; foi zuavo pontificio, depois esteve ao serviço de Victor Manuel, e quando D. Amadeu veio para Hispanha elle acompanhou-o, e como D. Amadeu se foi andando, o tal melro fez-se carlista, isto é dizia-se carlista para roubar os carlistas, como ainda ha pouco fez na Galliza, d'onde sabemos levou boa somma de dinheiro. Ali não se intitulava marquez, mas sim capitão de cavallaria, e dizia chamar-se Miguel Troisenta. Em logar de capitão de cavallaria crêmos será capitão de ladrões. E' ainda novo, magro, com bigode ruivo, e falla pessimamente o hispanhol sendo a pronuncia mais italiana do que hispanhola.

Um nosso amigo disse-nos que só de duas partes da Galliza levou trinta mil reales. Do Porto não levou nada.—Porém como é natural que ainda esteja em Portugal, vendo se pelas proviicias póde enganar alguém, acatelem-se os homees de boa fé para não serem logrados como o fóram os gallegos que hoje estão curtindo acerbos remorsos, porém a culpa foi d'elles que tão de leve se deixaram enganar, roubar.

Este sr. conde das Flores, Miguel Troisenta, ou capitão de cavallaria, quando não póde arranjar nada com a sua papeleta falsa, pede esmola, isto é anda pelas portas d'algumas familias com uma papeleta tirando uma subscripção.

Cuidado com elle e com outros tão bons como elle.

Pedimos aos periodicos legitimistas digam alguma cousa e este respeito para que os seus assignantes não caiam na esparrella.

Carestia.—O pão boroa, de que se faz um grande consumo n'esta cidade e em todo o Minho, tem subido ultimamente mais de trienta por cento em razão não só da secca, mas tambem de muito milho que se tem queimado para aguar-te. Parece-nos que hoje já se não queimará em razão do seu preço, com tudo é necessario que o governo adopte providencias a tal respeito.

A boroa é o pão dos pobres, dos artistas e da quasi totalidade do povo, e se

continúa a subir na mesma proporção, poucos o poderão comprar.—(Idem)

Hospital ao ar livre.—O professor Lefort, cirurgião do hospital Beaujon, em Pariz, acaba de mandar fazer no pateo do hospital uma grande tenda, para a qual removeu os doentes.

O eminente cirurgião quer experimentar se por este sistema de hospital ao ar livre, as affecções cirurgicas se curarão melhor, como muitos affirmam, no verão apenas.

Lefort não faz mais do que imitar o exemplo dos americanos cujos hospitaes são todos feitos de madeira, e queimam-os cada cinco ou seis annos, afim de evitar que elles se empregem de cheiros doentios.

Lefort tem obtido até agora excellentes resultados.—(«P. de J.»)

Partida das religiosas catholicas inglesas.—A partida das religiosas catholicas inglesas de Budesheim, expulsas da Allemanha em virtude das novas leis, causou profunda dôr em toda a povoação. Todo o Budesheim se achava nas ruas do transito, diz a «Gazeta de Francfort»; homens, mulheres, meninos, catholicos, protestantes, israelitas. Atraz dos carros que as conduziam iam os meninos que ellas educavam nas escolas. Ao partir o trem todos saudaram as religiosas com grande affecto.

Providencias.—Com relação ao facto que referimos em o n.º anterior, pedimos a publicação do seguinte:

Terça feira ultima, na estrada da Povoia do Varzim, no sitio da Naia, suburbios d'esta cidade, esteve a succeder uma lamentavel desgraça.

Indo d'esta cidade em serviço, á freguesia de Sequeira, o ill.^{mo} sr. João Marcos d'Araujo Ribeiro, digno escrivão n'esta comarca, os cavallos que puxavam a victoria em que o mesmo sr. ia com dois filhos d'um seu amigo, tomaram medo e precipitaram-se com o carro e os passageiros para uma ribanceira perigosa, que alli se achava sem guardas, expondo assim os innumerados carros que por alli passam de noite e dia a um perigo imminente. Devido a um acaso inexplicavel, os passageiros não soffreram mais que o susto, ficando o carro completamente quebrado.

Porque motivo não se manda collocar n'aquelle sitio perigoso uma guarda para que não continuem a dar-se desgraças, que já antes d'aquelle sinistro se tem dado no mesmo local?

Gasta-se dinheiro superfluo em obras unica e exclusivamente de aformoseamento, e n'aquellas que de tanta utilidade são para a conservação de muitas existencias, não se gasta nem um real!

Pedimos providencias á direcção das obras publicas, esperando que não nos obriguem a voltar ao assumpto.

Mestre Roque.—Mestre Roque mandou-nos dois papeis. Dois papeis que são duas preciosidades. Duas preciosidades que saíram d'aquelle abençoado toitiço. Toitiço que nunca avezu massa encefalica. Massa encefalica que é substituida pelo chorume de baldroegas. Baldroegas que é mestre Roque.

Mestre Roque quer ir para a berlinda. Pois mestre Roque irá para a berlinda. Conte conosco.

D. F.

Lições de piano.—Um individuo, competentemente habilitado, promptifica-se a dar lição de piano forte, em sua casa ou na dos que se quiserem utilizar dos seus serviços. Dão-se esclarecimentos n'esta redacção.

AGRADECIMENTOS

Constantino Vieira de Castro e seu filho Custodio Manoel Vieira de Castro, agradecem a todas as pessoas, não só d'esta cidade, como da Povoia de Lanho, que no dia 14 do corrente acompanharam, da casa das Ribas, da freguesia de S. Victor d'esta cidade, até á Senhora A Branca, e d'ahi ao cemiterio, o cadaver de seu cunhado e thio, Antonio José Vieira de Lemos; bem como aos snrs. ecclesiasticos que gratuitamente celebraram missa por alma do finado e assistiram ao officio que teve logar no referido templo da Senhora A Branca. A todas protestam sua gratidão e reconhecimento, pedindo desculpa de não o fazerem pessoalmente.

(2571)

ANNUNCIOS

BANCO COMMERCIAL

DE

COIMBRA

Sociedade anonyma—responsabilidade limitada

Desde o dia 15 do corrente em diante pagar-se-ha aos snrs. accionistas d'este Banco, na séde do mesmo, e nas agencias do Porto, Lisboa, Braga e Vianna, o dividendo relativo ao primeiro semestre findo de 900 reis por acção, equivalente a 8 por cento ao anno, em relação ao tempo decorrido da entrada de cada uma das prestações. Ficam prevenidos os snrs. accionistas, de que para o recebimento do mesmo terão de apresentar as suas acções devidamente averbadas e com a entrada paga da 6.^a prestação.

As relações impressas entregam-se na séde do Banco e nas agencias acima indicadas.

Coimbra, 10 de julho de 1875.

Pelo Banco Commercial de Coimbra

Os gerentes

Manoel dos Santos Junior

José Barbosa Lima

(2572) J. Melchades Ferreira dos Santos.

DOCTOR IN ABSENTIA

O professor em artes, letras e sciencias, membro do clero e magistrados, todo o medico, cirurgião, dentista e artista, que desejem obter o titulo e diploma de doutor ou bacharel honorario, podem dirigir-se a Medico, rua do Rei, 46, em Jersey (Inglaterra). (T)

BANCO COMMERCIAL DE COIMBRA

Sociedade anonyma—responsabilidade limitada

São prevenidos os snrs. accionistas d'este Banco afim de entrarem com a 7.^a prestação de 10 por cento das suas acções, desde o dia 16 a 24 do corrente, das 10 horas da manhã até ás 2 da tarde, em Coimbra na séde do Banco, no Porto, Lisboa, Braga e Vianna, nas agencias do mesmo Banco.

Coimbra, 14 de julho de 1875.

Os gerentes

Manoel dos Santos Junior

José Barbosa Lima

(2573) J. Melchades Ferreira dos Santos.

J. M. PINHEIRO



ESCOLA AMERICANA

Recentemente chegado a esta cidade, aonde pretende demorar-se algum tempo, offerece os seus serviços ao respeitavel publico em que disser respeito á sua arte. Extrai, cura e conserta os dentes cariados, colloca dentes artificiaes, cura todas as affecções da bocca, provenientes da má denticção. Extracção de dentes aos pobres, gratis, das 8 ás 9 horas da manhã.

Consultorio, Praça do Barão de S. Martinho n.º 27—2.º andar. (2574)

BANCO ALLIANÇA

São convidados os snrs. accionistas d'este Banco residentes n'esta cidade, a virem receber o dividendo de suas acções relativo ao 1.º semestre do corrente anno, á razão de 3 p. c. ou 1\$800 reis por acção, na thesouraria do Banco do Minho, das 10 horas da manhã ás 2 da tarde.

Braga 13 de julho de 1875.

Os gerentes do Banco do Minho

Francisco Casimiro da Cruz Teixeira
Domingos José Soares. (2566)

